

A América do Sul e o Resto do Mundo:

- Orientações:

Toda a história se passa:

- na floresta Amazónica;
- nos dias de hoje.

1.º Acto

Personagem1

(Está a andar de um lado a outro do palco com as mãos nos bolsos, preocupado somente com o que está pensando, alheado inclusive do próprio público que espera o início da peça até que á terceira passagem pelo centro do palco, de frente para o público, se detém. Retira as suas mãos dos bolsos. Descontraí os braços. Suspira. E diz:)

Chamam-me estrangeiro quando na verdade estou numa terra que foi confiada aos homens e eu *(tacteano nervosamente a cara, os braços parando nas mão olhando para elas levantadas)* sou um homem. Vejam, vejam nas minhas mãos *(dirigindo-se ao público)* está aqui no meu ser o poder para desejar criar uma nave espacial ir á lua *(aponta violentamente para cima e ondeia essa mesma mão uns momentos e depois acorda)* e voltar *(e projecta-se desolado para o chão. No chão as suas mãos cobrem-lhe a cara tomado pelo sentimento de vergonha)* Então porque será que constantemente - por uma insegurança qualquer, não sei! - me é cortado por outras pessoas, este poder!

O personagem2 faz a sua aparição no palco e demonstra estar á espera de uma só pequena deixa para poder intervir.

Ele próprio mostra que está confuso ao explicar a acção do personagem1. Intensifica o seu escarnecer á personagem1.

O personagem1 levanta-se calmamente.

Personagem2

(falando altivo)

Outras pessoas cortam-te esse poder! Mas tu estás para aí todo engalfinhado em ti próprio aí todo... *(imita um coitadinho)* a bramir aos ventos, ás árvores e aos ouvidos destas pessoas que coitadinhas não têm culpa, *(dirige-se ao público)* que tens poder e ele está nas tuas mãos e blá, blá, e blá, blá para depois olhares para este mesmo público e dizeres que há pessoas de carne e osso e outros afins como tu que têm poder a mais do que tu, tão mais que até conseguem cortar o teu poder? Mas achas que fizeste algum sentido? Ó...

Personagem1

(interrompendo chateado)

Tu não percebeste o que eu quis dizer!

Personagem2

(continuando o escárnio)

À não! Eu não percebi! Eu não percebi! *(Desprevenido olha para o personagem1 e repete)* Eu não percebi! Então homem! Estou há espera homem que diz ter menos poderes que os outros. Estou há espera. *(e escarnecendo mais intensamente)* Ou será que os outros já vieram te comer *(diz as seguintes palavras desta frase num gargalhada progressiva que se suicida)* o poder de te explicares?

Personagem1

(Emancipado)

Mas porque te ris? Sou acaso algum motivo de escárnio?

Sentindo, o personagem2,
o sorriso estimulado.

O personagem3 é um
pouco gago.

O personagem2 espanta-
se, mas não se sente
indignado.

O personagem2 levanta-se
da cadeira onde esteve
sentado.

Aquí o personagem3
abraça o personagem1
depois de dar esta fala

E o personagem2 volta a
sentar-se na sua cadeira

Personagem2

Então não és!!!

(Por esta resposta o personagem1 enerva-se. Dá-se então uma pausa causada pela entrada em cena do personagem3.)

Personagem3

Então personagem1 'cococococomment ça va' tá tá tá-se bem então fala-me das co cochois. Nunca te t ttinha visto assim? E e e e (Apontando para o personagem2) quem é este?

Personagem1

(Agora mais calmo)

Esse é um amigo? (Olha para o personagem2 como que para obter o consentimento para prosseguir. Esse consentimento é dado. E ele continua) É um amigo que não acredita que existem homens que diminuem o poder de outros homens.

Personagem2

(sério e bom som)

É verdade que há bocado eu estava a querer brincar um bocadinho, mas (aumenta o tom de voz), não disse que não acreditava que existam ^{os excitados} homens que ^{diminuem} queiram diminuir o poder de outros homens!

Personagem1

(Rascando)

Então o que foi que disseste?

Personagem3

Yá man, o que f f fofoi.

Personagem2

Disse sim que... espera... Nietzsche disse. Ouve! "Nunca vi um animal selvagem ter medo dele próprio"

Personagem1

Olha m'este! Um intelectual? (agora é a vez dele escarnar)

Personagem3

(Olha para o personagem1 e toma um pouco da sua reacção)
Ya ya yá: É é é é um inteccttt tual!

Personagem2

Vocês são ridículos! Qual é o mal! Riem-se mas ridículo foi ver-te (aponta para o personagem!) ali todo (imita com as mãos e o pescoço um deficiente). Ouvir de ti que tens tanto poder nas tuas mãos e depois ver-te ali a choramingar por não puderes.

Personagem3

Rrrr ríd dículo e conf f fuso!

Personagem1

Ouve! Tu se és gago porque é que falas?

Personagem3

(intrigado. Há uma pausa e...)

Ouve! Tu se tens poderes truncados, o que fazes á tua existência?

Personagem2

(não se quer intrometer na conversa mas espasma-se ao ver o Personagem3 a não gaguejar, a ele aponta de fugida mas a mesma mão que comporta o dedo que aponta será a mesma mão que irá travar a boca dele de falar mais alto)

Fim do 1.º acto

Personagem4

(bué descontraído á sombra do chaparro, com um chapéu de palha a tapar-lhe os olhos. Vê-se que dorme até que:)

(Espreguiça) Aqueles outros, da outra floresta, falam tão alto que, chegam a incomodar um gajo aqui (e boceja como os gatos quando espreguiçam) tão longe.

Neste instante, alguma agitação, máquinas, que debulham árvores, para nivelar a terra.

O personagem4 que logo após a sua fala que o estafou já se tinha posto ao sono outra vez levanta-se sobressaltado.

Que é isto! (E leva ao peito o chapéu de palha que o permitia ficar horas debaixo do sol)

(a esta altura ouve-se o som de Beethoven, onde a Dona Morte bate á porta, exactamente nesse momento.

A acompanhar a música o personagem4 e a Máquina argumentam gestualmente entre si. Argumento, contra-argumento, mudos, só a imaginação do público se faz ouvir até que:)

PÁRA!!!!!!!!!!!!!!!

(e a música pára assustada com este grito; a Máquina também.)

Pára, pára, pára, paraparapara. (desorientado á frente da árvore, já com as mãos na cabeça, muito aflito, mas não o suficiente para ficar mudo)

Paraste. (esperou até o motor da Máquina ter arrefecido) Estou pronto, pronto, podes levar este pobre homem pachorrento. (e salta de peito para a frente como se já estivesse capaz de voar) pronto! Leva-me!

(e as vozes dos personagens que falavam alto do outro lado da floresta soam agora como anjos de papel)

Personagem1

Se fosse comigo eu deixava-me ir. Afinal a minha vida nunca havia sido minha.

(não sabemos de onde mas o Personagem4 sai-se com um telecomando carrega num botão, faz ZAPP e ouve-se a voz do Personagem2)

Personagem2

Amigo, tudo o que posso fazer por ti é...

(o Personagem4 lembra-se desta voz «Hiii! É a voz do intelectual» e muda de canal.)

Personagem3

Eu lutava porque para mim, a vida, viver, é o melhor de tudo. Se viver é contrair uma dívida com a morte então eu devo muito porque tenho sempre tomando em fiado. É como eu digo *(de repente tal como se um feitiço nele recaisse)* sss s-ê rr r raddi - cal.

Personagem2

(obrigando ao ZAPPING depois do personagem3 ter terminado o seu discurso)

Espera aí! Homem do telecomando! Também tenho algo a dizer! Escuta-me! *(e o homem do telecomando já farto de tudo ter ouvido, sem falar que se via aos braços da morte, lá esforçou-se e consentiu que ele falasse «Vá fala!»)* Não te quero roubar muito tempo, vejo que estás com ele á perna *(e larga um trejeito de gozo)* não te vou falar de contabilidades sem pés ou cabeça, de ciclos, ou do TU que por vezes sentes que se distrai dos caminhos do teu corpo.

Personagem4

(quase com câibras naquela posição)

Despacha-te homê!

Personagem2

Só te vou falar que essa máquina não é a tua Dona Morte! *(já o conhecem, não é verdade! - ARII.)*

Personagem4

C'um caraças! *(levanta a cara do chão olha para a máquina e pergunta)* Não és a minha Morte?

(a Máquina acena que não)

Estão a ver! Estão a ver! Está um homem aqui a cansar-se *(leva o chapéu á cabeça e ajeita-o)* para nada! *(começa a praguejar)* Horas de descanso um sol tão bam e um gajo aqui!...